

55. Devemos ficar distantes nesse momento

Sayonara Nunes Monteiro

Olá! Eu me chamo Sayonara Nunes Monteiro, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, moro na Aldeia Anawera, sou estudante do 3º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Joaquim Nabuco, tenho 18 anos. Essa pandemia do coronavírus fez com que as aulas fossem suspensas, assim como outros tipos de atividades cotidianas. Minha aldeia é a última da BR-156, há muita dificuldade de transporte até lá. Com todos os noticiários de casos confirmados e mortes ficamos com bastante medo, principalmente quando soubemos que o vírus já estava na Aldeia Kumarumã. No dia em que tivemos essa notícia eu senti uma angústia muito grande, pois quase todos os nossos parentes e familiares moram lá, pensei que iríamos todos morrer, porque se a Aldeia Kumarumã, que é a mais distante, já tinha casos confirmados, imagine a nossa que chega por estrada de chão e, frequentemente, têm gente entrando e saindo da aldeia.

Mesmo com todos os nossos cuidados e prevenção era o jeito ir ao Oiapoque para podermos comprar mantimentos e produtos de higiene. Depois disso os meus pais começaram a sentir os sintomas da COVID-19, assim como outras pessoas da aldeia também. Minha mãe passou muito mal, chegou a desmaiar! Eu fiquei desesperada ao ver minha mãe naquele estado, fizeram tratamento nela tanto com remédio da farmácia como com os remédios tradicionais, graças a Deus que minha família se recuperou dessa doença.

Na minha família o único que não pegou, que não adoeceu com esse vírus, foi o meu irmão Jabson Nunes Monteiro, mas os meus dois avôs pegaram e passaram muito mal, os dois fazem parte do grupo de risco e estão se recuperando aos poucos. É melhor que todos tenham cuidado porque esse vírus não se pode ver nem tocar, mas estamos vendo que ele pode matar, por isso a gente precisa se prevenir, por que esse coronavírus não é brincadeira, ele mata! Devemos ficar distantes nesse momento para que possamos nos abraçar de novo.

Oiapoque, Amapá, Brasil

12 de julho de 2020